



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS III

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE LETRAS

CURSO DE LETRAS - INGLÊS

IARA KELLY LIMA DOS SANTOS

**ESCOLHAS E POSSIBILIDADES NA TRADUÇÃO DO POEMA “THE ART OF
GROWING” DE RUPI KAUR PARA O PORTUGUÊS-BRASILEIRO**

GUARABIRA

2024

IARA KELLY LIMA DOS SANTOS

ESCOLHAS E POSSIBILIDADES NA TRADUÇÃO DO POEMA “THE ART OF GROWING” DE RUPI KAUR PARA O PORTUGUÊS-BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras - Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Língua Inglesa.

Orientador: Profa. Me. Aline Oliveira do Nascimento

GUARABIRA
2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237e Santos, Iara Kelly Lima dos.
Escolhas e possibilidades na tradução do poema "*The Art of Growing*" de Rupi Kaur para o português-brasileiro [manuscrito] / Iara Kelly Lima dos Santos. - 2024.
19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Profa. Ma. Aline Oliveira do Nascimento, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Tradução. 2. Poesia. 3. Reescrita. 4. Rupi Kaur. I. Título

21. ed. CDD 810

IARA KELLY LIMA DOS SANTOS

ESCOLHAS E POSSIBILIDADES NA TRADUÇÃO DO POEMA “THE ART OF
GROWING” DE RUPI KAUR PARA O PORTUGUÊS-BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso de
Letras - Inglês da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciatura em Língua Inglesa.

Aprovada em: 18/06/2024

BANCA EXAMINADORA

Aline Oliveira do Nascimento

Profa. Me. Aline Oliveira do Nascimento (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Auricélio Soares Fernandes

Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Waldir Kennedy Nunes Calixto

Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 TRADUZIR: UMA RELAÇÃO INTERCULTURAL	8
3 SOBRE A POESIA	11
4 A TRADUÇÃO DE ANA GUADALUPE E SUAS POSSIBILIDADES	12
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS	17

ESCOLHAS E POSSIBILIDADES NA TRADUÇÃO DO POEMA “THE ART OF GROWING” DE RUPI KAUR PARA O PORTUGUÊS-BRASILEIRO

Iara Kelly Lima dos Santos^{1*}

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a tradução para o português-brasileiro do poema *the art of growing*² (2017) da poetisa canadense Rupi Kaur, traduzido por Ana Guadalupe. Tendo como objetivo central da pesquisa investigar as escolhas tradutórias feitas pela tradutora Ana Guadalupe no poema, e, como parte dos objetivos específicos, explicar a reescrita criativa no texto poético, explorar as mudanças na tradução da obra para o português, analisar a escolha de não traduzir o termo *slut-shaming* e analisar as lacunas e adições de termos na tradução. Sobre a metodologia, foi utilizada uma abordagem qualitativa e analítica, que se desenvolveu por meio de uma pesquisa de natureza bibliográfica. Ao discutir os aspectos mais gerais sobre tradução, utilizamos como aporte teórico John Catford (1980), Rosemary Arrojo (2003), Heloísa Barbosa (1990) - quanto aos procedimentos técnicos da tradução - e outros, contando também com algumas exposições da tradutora sobre seu próprio procedimento de tradução. Sobre a construção poética, utilizamos como suporte as pesquisas de Massaud Moisés (1965) e Paulo Franchetti (2013). Por fim, verificamos que, durante o processo de tradução, o conhecimento linguístico e cultural deve estar em conformidade com a linguagem utilizada na obra e é carregado de significações que devem ser transportadas para o leitor.

Palavras-chave: tradução; poesia; reescrita; Rupi Kaur.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the translation into Brazilian Portuguese of the poem *the art of growing* (2017) by Canadian poet Rupi Kaur translated by Ana Guadalupe. The central objective of the research is to investigate the translation choices made by translator Ana Guadalupe in the poem, as part of the specific objectives, to explain the creative rewriting in the poetic text, explore the changes in the translation of the work into Portuguese, analyze the choice of not translating the term *slut-shaming* and analyze the gaps and additions of terms in the translation. Regarding the methodology, a qualitative and analytical approach was used, which was developed through bibliographical research. When discussing more general aspects about translation, we use as theoretical support John Catford (1980), Rosemary Arrojo (2003), Heloísa Barbosa (1990) - regarding the technical procedures of translation - and others, also counting on some presentations by the translator about her translation procedure itself; on poetic construction we used as support the research of Massaud Moisés (1965) and Paulo Franchetti (2013). Finally, we found that during the translation process, linguistic and cultural knowledge must comply with the language used in the work and is full of meanings that must be conveyed to the reader.

Keywords: translation; poetry; rewriting; Rupi Kaur.

^{1*} Graduanda em Letras-Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba. E-mail:

² A autora Rupi Kaur utiliza-se apenas de letras minúsculas em seus textos, por esse motivo, optamos por manter os títulos dos poemas dessa maneira neste trabalho.

1 INTRODUÇÃO

A grande relevância das plataformas de mídias sociais no atual cenário artístico-cultural é um fenômeno ainda pouco explorado nos estudos contemporâneos, no entanto, já deixa sua marca na carreira de diversos autores ao redor do mundo. Aqueles que declinam a divulgação, discussão e impulsionamento promovidos pelas curtidas, compartilhamentos e comentários nas redes acabam se vendo sem escapatória e são obrigados a se entregar ao vasto universo das redes sociais.

Para a autora da obra analisada neste trabalho, Rupi Kaur, fazer parte das redes nunca foi um problema. Kaur é uma poeta, escritora, ativista e artista índio-canadense conhecida como “Instapoeta”, devido à sua relevância e à atividade constante nas redes sociais. Assim como outros jovens poetas ao redor do mundo - Whitney Hanson (Estados Unidos) e Davide Avolio (Itália) - Rupi encurta fronteiras e consegue, com sua arte, atrair seguidores de todas as partes do mundo, acumulando até o momento mais de quatro milhões de seguidores em sua conta do Instagram.

Em suas redes e em suas obras (que se conectam diversas vezes), Kaur aborda temas como amor, perda, trauma, violência contra a mulher, racismo e xenofobia. A autora das coletâneas poéticas *Outros jeitos de usar a boca* (2014), *O que o sol faz com as flores* (2018) (coletânea na qual encontramos *a arte de crescer* (2018), objeto de estudo deste trabalho) e do mais recente *Meu corpo, minha casa* (2020) já foi traduzida para mais de 40 idiomas e é reconhecida como um fenômeno mundial.

Neste trabalho, pretende-se questionar de que maneiras as escolhas tradutórias no poema *the art of growing* (2017) da autora Rupi Kaur afetam o texto-fonte³ e contribuem com a identificação de termos específicos para leitores de língua portuguesa. Tendo como ponto de partida esse questionamento, entendemos que, ao traduzir uma obra literária, principalmente um poema, tende-se a existir uma grande dificuldade de que não se perca um pouco da intenção original, pois uma produção artística possui metáforas e significações inerentes à língua de em que foi originalmente escrita.

Sobre a tradução, indagações acerca da possibilidade tradutória da poesia são feitas constantemente e desde os primórdios do ofício da tradução. No entanto, é preciso ir além de questionar se esta é possível, também é necessário analisar de que maneira é feita e como esta tradução pode afetar o teor poético que o envolve. Ou seja, é primordial que o texto poético traduzido seja compreendido também como poema na língua-alvo⁴, e que transmita o mesmo impacto (ou semelhante) proposto pelo autor do texto-fonte.

Desse modo, o tradutor tem como desafio manter a ideia principal da obra. No referido poema, aborda-se a violência contra a mulher, a misoginia, a naturalização do machismo, a banalização do abuso e, por fim, a possibilidade de a mulher mudar a sua realidade e transformar a narrativa. Faz-se necessário que o profissional de tradução também utilize de artifícios que possibilitem a compreensão do leitor da língua-alvo.

Existe certa complexidade e um debate sem conclusão no campo da literatura ao falar de tradução. Divergências e discussões acerca do que seria possível ou impossível nesta tarefa, do que seria fidelidade ao traduzir, de que maneira o trabalho do tradutor é ou poderia ser “melhor” realizado. Para alguns autores, a tradução literária é vista como uma tarefa impossível, tendo em vista a natureza primariamente estética da arte. Roman Jakobson (1973, p. 72) discute essa questão da seguinte maneira: “A poesia, por definição, é intraduzível. Só é possível a transposição criativa: transposição intralingual – de uma forma poética a outra”, sugerindo que

³ Matéria textual a partir da qual um tradutor irá produzir um texto de chegada, ou tradução. (Queiroz, 2008, p. 49)

⁴ em tradução, língua para a qual se verte um enunciado; língua de chegada (Definição por Oxford Dictionary) Disponível em <https://languages.oup.com/> Acesso em 28/06/2024

a natureza da poesia é tão intrínseca à sua língua original que é impossível traduzi-la completamente para outra língua mantendo todas as suas nuances, sutilezas e emoções. É necessário reconhecer que há elementos na poesia que são específicos de uma cultura, língua e contexto, e que esses elementos, muitas vezes, se perdem ou se transformam durante o processo de tradução para outra língua. Porém, tenta-se analisar quais seriam os limites deste artifício. Assim, Francis Henrik Aubert (1993, p. 75) questiona em relação ao tópico: “Em que medida é aceitável o desvio do texto traduzido em relação ao original?” e, também, no quesito fidelidade, indaga: “Tal fidelidade, afinal, reporta-se a quê?” (Aubert, 1993, p. 75).

Na tradução de poemas contemporâneos, influenciados inclusive por uma cultura atual e constantemente fruto de interferências da mídia, redes sociais e tecnologias que cercam as novas gerações, é importante observar que certos aspectos relacionados a esses universos precisam ser traduzidos com as equivalências necessárias para a língua-alvo. No entanto, quando certas adaptações⁵ são consideradas desnecessárias? Quando “enfraquecem” o texto-fonte e quando o enriquecem? Esses questionamentos fazem parte deste trabalho, que pretende observar tais pontos no referido objeto de estudo.

Em *the art of growing* (2017), a autora Rupí Kaur retrata situações pelas quais muitas mulheres já passaram e, ao ler, se identificam com o eu-lírico. Portanto, a tradução se torna desafiadora, de modo que esse sentimento precisa ser transportado para o texto de chegada⁶. Como exemplo, a escolha da onomatopeia “fiu-fiu” e o termo “chave de perna” foram escolhas tradutórias direcionadas ao leitor de língua portuguesa. Desse modo, observaremos as demais escolhas feitas pela tradutora, bem como o uso de outras expressões de nossa língua materna utilizadas na tradução deste poema.

Em *a arte de crescer* (2018), a tradutora Ana Guadalupe faz determinadas escolhas que podem vir a modificar a intenção do texto-fonte. No entanto, por vezes, essa intervenção se faz necessária para que o leitor do poema traduzido seja capaz de associar os termos escolhidos à sua linguagem cotidiana, já que o texto-fonte se apresenta na língua inglesa em uso.

Temos como nosso objetivo geral investigar as escolhas tradutórias feitas pela tradutora Ana Guadalupe no poema *a arte de crescer*, da autora Rupí Kaur, e, como objetivos específicos, apontar uma breve explanação da reescrita criativa no texto poético, discutir as ausências e complementos deixados pela tradução da obra ao adaptar termos para a língua portuguesa cotidiana, analisar opções de tradução existentes do termo *slut-shaming* para um equivalente em língua portuguesa e, por fim, debater as ausências e complementos de termos do texto traduzido.

A motivação para esta pesquisa ocorreu no primeiro ano do curso de Letras - Inglês, ao cursar a disciplina de Teoria da Poesia, quando fomos incumbidos de escolher um poema para lermos para a turma e realizar uma análise em conjunto. A escolha foi o poema estudado neste artigo. De início, não foi observado o quesito tradução, talvez pelo hábito de não nos atentarmos ao fato de que grande parte dos textos que nos chegam passam por um processo tradutório que, muitas vezes, não enxergamos.

Quatro anos depois, ao cursar a disciplina de Tradução I e observar os desafios encontrados pelos tradutores de textos literários, principalmente de obras de poesia, houve a memória do texto trabalhado no início do curso e, em específico, os termos “abrasileirados” utilizados bem como a escolha da não-tradução do termo *slut-shaming*. A partir disso, surge o

⁵ “A adaptação é o limite extremo da tradução: aplica-se em casos onde a situação toda a que se refere o texto em língua de origem não existe na realidade extralinguística dos falantes da língua traduzida. Esta situação pode ser recriada por uma outra equivalente na realidade extralinguística da língua traduzida” (Barbosa, 1990, p. 77).

⁶ Termo que designa o texto já traduzido para a língua de chegada ou língua alvo a partir do texto de partida ou texto fonte. (Queiroz, 2008, p. 48)

interesse para pesquisar sobre as escolhas das traduções feitas pela tradutora e analisar os impactos causados por elas nos leitores de língua portuguesa.

O presente trabalho traz uma abordagem qualitativa, que, conforme Fabiana Kauark et Al. (2010, p. 26), caracteriza-se pela “interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados” e não exige a utilização de métodos e técnicas estatísticas.

De acordo com Antônio Carlos Gil (2002, p. 41), os objetivos desta pesquisa são de caráter exploratório, pois “objetivam a maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito, ou à construção de hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. Tendo em questão o levantamento bibliográfico, procedimento técnico utilizado nesta pesquisa, o mesmo autor ainda afirma que este seguimento de estudo ocorre “quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e, atualmente, material disponibilizado na Internet” (Gil, 2002, p.44). O presente estudo tem como ponto de partida partes do poema a ser trabalhado, entrevistas, artigos e livros já publicados.

Para o desenvolvimento deste artigo, utilizamos como repertório teórico os estudos de Rosemary Arrojo (2003), que nos traz uma compreensão geral dos estudos de tradução, como também uma visão específica da tradução aplicada ao texto poético. Álvaro Faleiros (2012), por sua vez, nos explica o conceito de “reescrita criativa” do texto e suscita questionamentos acerca da tradução literária como Transcrição, dando ao tradutor um lugar de destaque e o retirando da pretendida invisibilidade. Haroldo de Campos (2013) nos auxilia na compreensão das escolhas tradutórias adequadas para a tradução da poesia e colabora para um melhor entendimento e interpretação do nosso objeto de estudo.

2 TRADUZIR: UMA RELAÇÃO INTERCULTURAL

Estudar o universo da tradução sempre foi um desafio para os teóricos da área. No entanto, apesar disso, consiste em um tópico inesgotável de possibilidades de pesquisa. Muitos debates, acordos e discussões surgem a partir dos questionamentos sobre o que seria a tradução, como pode ou deve ser feita, ou até mesmo se ela é possível. Uma das definições mais conhecidas sobre este tópico é a de John Catford (1980), que conceitua a tradução como “a substituição de material textual de uma língua por material textual equivalente em outra” (p. 22). Talvez poderíamos associar essa conceituação mais direta para textos exclusivamente técnicos e científicos, nos quais a preocupação central seria a tão questionada fidelidade entre texto de partida e texto de chegada.

Quando adentramos o campo da tradução literária, é necessário enxergar além da camada superficial do texto, adentrar os sentidos pragmáticos das palavras, expressões, aproximar-se da intenção do autor. O francês Jean Maillot (1975) diz que “o problema da tradução consiste essencialmente em elaborar um texto fiel ao conteúdo do original, mas que dê a impressão de ter sido escrito diretamente na língua-meta” (p. 16). Ou seja, temos a questão da invisibilidade do tradutor, sendo o ofício tido como “ideal” quando o profissional da tradução consegue realizar seu trabalho sem deixar rastros, fazendo o leitor da língua-alvo “esquecer” que tal texto foi escrito em outra língua que não a sua. Meta Zipser e Silvana Polchlopek (2008) trazem uma reflexão mais apurada sobre o que seria o ato de traduzir:

Já o ato de traduzir significa, por sua vez, fazer passar de um lugar para outro, ir ao encontro de uma nova cultura, de novos leitores, enfim, é uma comunicação intercultural. Isso implica um movimento que não pode ser percebido senão pela referência a uma terceira posição – a do observador - que determina o ponto de partida, a trajetória e o ponto de chegada. A união desses conceitos nos leva à prática de tradução, isto é, uma prática da identidade ou da eliminação das diferenças; uma prática que envolve o próprio papel do tradutor como mediador intercultural mais

próximo ou, às vezes, mais distante do autor e/ou do público leitor; uma prática que envolve duas culturas que passam a estar diretamente ligadas, uma vez que o tradutor procura colocá-las em contato via prática tradutória (p. 18).

Assim, assimilamos a necessidade da identificação do ato tradutório para a língua-alvo, pois, sem essa concordância em sentido, a tradução não alcança o *status* de comunicação intercultural⁷ citado por Zipser e Polchlopek (2008). A prática da tradução é considerada uma atividade que pode tanto preservar quanto eliminar as diferenças culturais, dependendo da abordagem adotada pelo tradutor. Aborda-se uma perspectiva profunda sobre o ato de traduzir, destacando sua natureza propriamente intercultural e o papel-chave do tradutor como mediador entre diferentes contextos culturais e linguísticos. Ao enfatizar a importância da terceira posição do observador, é possível reconhecer a complexidade do processo de tradução, que não é apenas uma simples transferência de palavras, mas um movimento que influencia tanto o ponto de partida quanto o destino final da comunicação. É a possibilidade de relações entre culturas que eleva a qualidade de uma tradução.

No que diz respeito às relações culturais, temos a influência de três culturas para chegar no texto final da tradução do poema estudado neste trabalho. Para compreendermos melhor esta abordagem, de antemão, faz-se necessário compreender um pouco das influências da autora no desenvolvimento de sua obra. Rupi Kaur é de família indiana imigrante no Canadá. Na obra aqui estudada, deve-se observar a relação entre três culturas. A primeira seria a cultura canadense, de língua inglesa, país e idioma de origem do texto-fonte. Em seguida, a influência da cultura indiana na poética da autora e, por fim, o texto de chegada em português-brasileiro, com tradução feita pela também poetisa Ana Guadalupe.

A sensação de Rupi Kaur de não-pertencimento a nenhum dos lugares que moldaram sua personalidade é descrita por ela em alguns de seus poemas. Em entrevista ao portal Vogue, Kaur descreve parte de seu processo de compreensão e aceitação como uma garota indiana vivendo no Ocidente:

Por ser imigrante, sempre fiquei muito confusa sobre minha identidade. Eu era Punjabi Sikh dentro de casa. Mas quando fui para a escola, no Canadá, todo mundo era diferente. E minha identidade Punjabi-Sikh não foi celebrada. Na verdade, foi menos comemorado por mim. Fiquei com vergonha de ser diferente e não igual à maioria. Levei anos para parar com o ódio de mim mesma e aprender por que o lugar de onde eu vim era lindo. Então, herança significa tudo para mim. Patrimônio é onde eu me enraizo. É onde encontro minha verdade. Onde encontro meu povo. Onde encontro minha espiritualidade. E onde eu me conecto (tradução nossa).⁸

Sua fala nesta entrevista reflete a experiência de um imigrante em um país de cultura diferente, destacando sua luta inicial com a identidade cultural e a autoaceitação. Inicialmente, percebe-se a confusão de identidade, um embate interno entre sua herança cultural e o ambiente escolar predominantemente não familiar. A autora expressa o desafio de sua identidade não ser

⁷ “o adjetivo ‘intercultural’ tem sido utilizado para indicar realidades e perspectivas incongruentes entre si: há quem o reduza ao significado de relação entre grupos “folclóricos”; há quem amplie o conceito de interculturalidade de modo a compreender o “diferente” que caracteriza a singularidade e a irrepetibilidade de cada sujeito humano; há ainda quem considere interculturalidade como sinônimo de ‘mestiçagem’” (Fleuri, 2006).

⁸ “Being an immigrant, I was always so confused about my identity. I was Punjabi Sikh inside the home. But when I went off to school, in Canada, everyone else was different. And my Punjabi-Sikh identity wasn’t celebrated. It was actually least celebrated by myself. I was embarrassed of being different, and not like the majority. It took me years to stop with the self-hate, and learn about why where I came from was beautiful. So, heritage means everything to me. Heritage is where I root myself. It’s where I find my truth. Where I find my people. Where I find my spirituality. And where I connect” Kaur em entrevista a Bozinoski, da Vogue Portugal (2019).

valorizada, ressaltando que nem mesmo por ela própria, dilema este comum entre crianças e adolescentes imigrantes em seu novo país. Quando sua aparência não reflete a da maioria, são comuns os sentimentos de vergonha e exclusão. No entanto, ao longo do tempo, a autora supera o ódio que empregava a si mesma e começa a apreciar a beleza de sua origem cultural. Para ela, a herança é fundamental, servindo como âncora para sua identidade, verdade, comunidade e espiritualidade. Essa jornada de autoaceitação ilustra a importância do reconhecimento e da celebração das diversas identidades culturais em contextos de imigração.

Sobre essa relação cultural na tradução, o crítico e filósofo indiano Homi Bhabha relaciona o conceito de tradução cultural, política e cultura (Leila Darin, 2020). Bhabha argumenta que a tradução cultural não se trata apenas de uma simples transposição de significados de uma cultura para outra, mas de um processo complexo que envolve equívocos, transformações e diferentes modos de intenção. Para Bhabha, a tradução cultural é fundamental para explorar a abertura e a não totalização das culturas, revelando a incompletude e o não acabamento das obras literárias e das línguas, o que contribui para uma reflexão política sobre a alteridade e a diversidade cultural.

Desse modo, é válido ressaltar a influência de sua terra de origem em sua obra, o que podemos ver também no poema estudado neste trabalho, principalmente na relação entre a autora e sua mãe, trazida em trechos do poema, relação esta que é explorada também em outros poemas. Kaur tem em sua mãe um exemplo de feminismo e resiliência, mas não a isenta das reproduções de discursos machistas, que lhes foram ensinados durante toda a vida, seja pela cultura de seu país natal ou pela do Ocidente, que, mesmo sem os celebrar, os recebeu. No trecho do poema (linhas de 30 a 39) “ela me diz / que não devo sair por aí com os seios aparecendo / que os meninos quando veem a fruta ficam com vontade / diz que preciso sentar com a perna fechada / como toda mulher precisa / ou os homens ficam loucos e perdem o controle / diz que posso evitar essa dor de cabeça / é só aprender a me portar como uma moça” (Kaur, 2017, p. 94), a autora reproduz uma fala de sua mãe, e muito se pode ver da cultura trazida do seu país de origem, onde a culpa do assédio, por muitas vezes, é colocada na vítima. A Índia é um dos países com as maiores taxas de violência contra a mulher, possui números alarmantes de casos de estupro e já foi considerado o país mais perigoso para mulheres no mundo⁹ (G1, 2018). Quando é dito no poema que “os meninos quando veem a fruta ficam com vontade” e “é só aprender a me portar como uma moça” (Kaur, 2017, p. 94), repete-se que cabe à mulher evitar que esse tipo de violência aconteça.

Sendo assim, podemos entender a relação intercultural na prática da tradução como um processo complexo e fundamental para a compreensão e representação de diferentes culturas em todas as suas nuances, sejam consideradas positivas ou negativas. Ao meditarmos sobre o ato tradutório, é possível observá-lo para além de uma mera transferência de palavras. Este é, em sua essência, um ato que busca conectar de forma eficaz – ou, no mínimo, satisfatória – diferentes contextos linguísticos e culturais. Nesse sentido, a tradução literária demanda não apenas respeito ao texto original, mas também a habilidade de capturar os sentidos mais profundos das palavras e expressões, aproximando-se da intenção do autor. A obra de Rupi Kaur, uma imigrante de origem indiana no Canadá, exemplifica essa complexidade, pois a tradução não só reflete a interação entre culturas, mas também aborda questões de identidade e pertencimento. A análise da tradução revela não apenas diferenças linguísticas, mas também questões sociais e políticas presentes nas culturas envolvidas. Nesse contexto, a tradução cultural surge como um procedimento que vai além da simples transposição de significados, constituindo-se como uma forma de explorar a diversidade e a complexidade das culturas,

⁹ G1. Pesquisa aponta Índia como país mais perigoso do mundo para as mulheres. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/pesquisa-aponta-india-como-pais-mais-perigoso-do-mundo-para-as-mulheres.ghtml>. Acesso em: 05 maio 2024.

cooperando para uma reflexão mais elaborada sobre as relações interculturais e as dinâmicas de poder presentes na sociedade.

Seguindo a análise sobre as relações interculturais presentes no ato de traduzir, é importante explorar o conceito de “reescrita criativa”, uma possibilidade de tradução na qual podemos entender que a atividade criativa do tradutor está interligada ao ato de traduzir. Não bastaria apenas o conhecimento das línguas, também é necessária a execução de um ato artístico no fazer tradutório, para que seja possível o transporte da língua entre as culturas envolvidas no ato da tradução. Como nos traz Tânia Carvalhal (2013, p. 47), “Toda tradução literária é um ato criativo. Trata-se de transferir para uma determinada (e contemporânea) tradição literária uma obra escrita em outra língua e, muitas vezes, em outro tempo”.

Para compreendermos melhor esse conceito aplicado à tradução de um texto poético, Arrojo (2003) nos traz um exemplo aplicado à tradução do poema *This is just to say* (1934), do autor William Carlos Williams, que mostra a necessidade dessa mediação intercultural, de um olhar voltado para o entendimento da intenção do autor do texto de partida para que a tradução possa ter sentido e sensação equivalente na língua de chegada. A autora questiona a possibilidade tradutória da palavra *plums* em um poema no qual a representação da fruta deveria ser algo sensual, diferente da concepção que temos quando falamos de ameixas no Brasil: “frutas secas e enrugadas que dificilmente seriam associadas ao sensual e que, por uma irônica coincidência podem fazer parte de um nada ‘poético’ café da manhã como remédio para distúrbios intestinais” (Arrojo, 2003, p. 34).

Desse modo, entendemos que a nossa compreensão de uma obra pode vir a ser afetada pela tradução literal. É necessário abordar na tradução a carga cultural que as palavras carregam. Assim, Arrojo levanta a questão da dificuldade de traduzir não apenas palavras, mas também as representações culturais e sensações, principalmente em contextos poéticos em que a escolha das palavras é decisiva para imprimir uma determinada atmosfera ou sentimento. A autora ressalta a ironia de como algo que é poético em uma cultura pode ser totalmente falho em outra, em associação às diferentes relações culturais e contextos de significação.

3 A POESIA: DO ONTEM AO AGORA

Tendo em vista a utilização de um poema como objeto de estudo deste trabalho, faz-se necessário uma explanação sucinta sobre esse gênero literário. Muitas são as discussões sobre a definição do que é poesia e qual seria a diferença entre esta e a prosa. É necessário afirmar que, quando analisamos pelo lado subjetivo da arte, é possível compreender o motivo pelo qual não se consegue entrar em um consenso nesse ponto. No entanto, pesquisadores seguem na busca por uma definição sólida, com algumas tentativas mais bem sucedidas que outras. Sobre esses debates, Massaud Moisés (1965) pontua:

Os estudiosos germânicos, com sua peculiar capacidade mental para assuntos de teoria filosófica e estética, chegaram a uma fórmula sedutora de obviar a questão: a poesia seria o núcleo residual e essente de toda manifestação artística. Desse modo, a poesia estaria presente na Música, na Pintura, na Escultura, na Arquitetura, na Coreografia, como se fosse o seu objeto último. A própria Literatura acabaria tendo como centro a poesia (p. 85).

Seria, então, a poesia, a “fagulha artística” presente em todas as artes. A força motriz, indizível e indefinível que alimenta as mais diversas produções artísticas existentes. Este centro, portanto, realmente se torna de impossível definição. O autor francês Charles Dantzig (2008) disse: “Não foi a postura permanentemente ereta que separou o homem do macaco: foi a poesia”¹⁰ (tradução nossa). Partindo da premissa apresentada anteriormente, este autor se refere

¹⁰ “Ce n’est pas la station debout permanente qui a separé l’homme du singe : c’est la poésie”.

não apenas à poesia a que estamos habituados a relacionar o conceito ao nome, mas toda expressão de humanidade relacionada ao ser.

De acordo com Paulo Franchetti (2013), na modernidade, as tentativas de definir o que seria o texto poético obtiveram mais falhas do que as tentativas de definir outros gêneros literários como, por exemplo, o romance ou o conto. No entanto, esse autor também menciona que, nos primórdios, seria mais simples definir o que era e o que não era poesia, pois a mesma obedecia a alguns padrões pré-determinados. Sobre esse tópico, acrescenta:

É certo que a disposição em verso, por si só, não era suficiente para definir a poesia, que pressupunha sempre uma postulação de invenção, de criação. Mas, uma vez atendida tal postulação, verso e poesia pareciam ligados, de tal forma que as obras épicas, líricas e dramáticas habitavam um domínio comum (p. 74).

Desse modo, é válido ressaltar que a prosa era pouco valorizada no início da história literária, sendo a poesia vista como a forma mais elevada de expressão literária e o romance ou conto eram vistos como formas literárias inferiores. No entanto, ao passar do tempo, houve uma mudança nesse modo de observação. A história literária moderna alcançou a assimilação da prosa ao patamar da poesia, ou seja, da atribuição ao romance e ao conto do estatuto de arte poética tão valorizada quanto a poesia.

Pode-se visualizar como mais fácil diferenciar o verso da prosa, pois visualmente esta ideia tende a ser muito mais clara. Moisés (1965) diz que seria impossível confundir os versos de *Os Lusíadas* com a prosa de *O Pai Goriot*, embora ambas as obras compartilhem de semelhanças, de modo que são formadas pela mesma essência que as torna literárias.

Essa poesia clássica é, principalmente, representada por grandes nomes da Roma e Grécia antigas: “Ao poeta grego antigo cabia o fazer bem, ao poeta moderno toca fazer o novo. São compromissos distintos: o primeiro está de mãos dadas ao gosto social, o segundo age, em certo sentido, contra ele” (Andrade, 2008, p. 62). Portanto, na antiguidade grega, os poetas eram valorizados por sua habilidade em criar obras que atendessem às preferências coletivas, enquanto na era moderna, o que se espera dos poetas seria a inovação e produção de algo novo, muitas vezes, suscitando desafios às expectativas sociais estabelecidas.

Com as inovações da poesia contemporânea, que se apresentaram primariamente nos séculos XIX e XX, os poetas possuem maior liberdade de expressar seus sentimentos em escritos para além das métricas e rimas que estabeleciam as “regras” da poesia clássica. Tal liberdade trouxe ao poeta um novo horizonte de possibilidades dentro dessa expressão artística tão antiga: a poesia contemporânea pode transitar por tudo. Sobre liberdade, a autora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen (2018, p. 102) traz em seu poema, com este título, uma breve representação desse novo fazer poético:

LIBERDADE

O poema é
A liberdade

Um poema não se programa
Porém a disciplina
- Sílabas por sílabas –
O acompanha

Sílabas por sílabas
- Como se os deuses o dessem
O fazemos

Nesse poema, em uma primeira leitura, é possível compreender que representa a liberdade mencionada no título. É curto, sem uma estrutura rígida, sem rimas ou pontuação,

demonstrando a liberdade formal que a poesia lírica alcançou nos séculos XIX e XX. Os dois primeiros versos endossam essa interpretação: “O poema é/ A liberdade”. Porém, podemos interpretar que essa afirmação vai além, e sugere não apenas que há liberdade na arte da escrita poética, mas que o próprio poema é a representação dessa liberdade. Pode-se até discutir se existe liberdade para além do poema. A escrita pode ser tida como uma forma de liberdade absoluta.

Desse modo, compreendemos a poesia contemporânea como uma forma poética mais desprendida das amarras antes trazidas pela poesia clássica. De maneira geral, os poemas contemporâneos oferecem uma mescla entre diversas formas de escrita, em uma linguagem que pode ser mais acessível e informal. Essa mistura traz uma multiplicidade de estilos dentro dessa corrente literária, que se destaca por sua diversidade e pela possibilidade de explorar uma variedade de perspectivas, muitas vezes, com ênfase em questões de cunho social e assuntos do cotidiano.

4 A TRADUÇÃO DE ANA GUADALUPE E SUAS POSSIBILIDADES

Tradutora desta obra, a poetisa Ana Guadalupe também tem em seu currículo a tradução das demais obras da autora Rupi Kaur para o português-brasileiro. Em entrevista, Guadalupe diz que, ao reler as obras traduzidas na época (*Outros jeitos de usar a boca*, de 2014 e *O que o sol faz com as flores*, de 2017), sentiu vontade de mudar “um detalhe ou outro”¹¹ (Guadalupe, em entrevista a Costa, 2018), no entanto, seria algo comum ao tradutor. Ao portal feminista Eu, Tu, Elas (2017)¹², em outra entrevista, Ana Guadalupe elenca as dificuldades de traduzir da língua inglesa:

Na minha experiência com os poemas da Rupi Kaur, uma das dificuldades foi propor soluções que respeitassem a mistura que ela faz de elementos da linguagem culta e de marcas da fala. É uma característica que parece muito natural na escrita dela em inglês e que tentei trazer para a tradução sem cair no exagero.

No objeto de estudo deste trabalho, observamos as escolhas feitas pela tradutora para que esta ideia possua o sentido desejado. O poema “the art of growing” (Kaur, 2017, p. 89), presente no livro *The Sun and Her Flowers* (Kaur, 2017) aborda a temática da sexualização precoce dos corpos femininos, o machismo presente na objetificação do corpo da mulher, a violência e o assédio sofridos apenas pelo seu gênero e a propagação de uma concepção em que o homem tem este comportamento como algo inerente à sua condição masculina.

Para melhor compreensão da análise, segue tabela com o poema em versão original, de Rupi Kaur (2017), e a versão traduzida por Ana Guadalupe (2018):

	<i>the art of growing</i> – Rupi Kaur (2017)	a arte de crescer – Rupi Kaur (2018) traduzido por Ana Guadalupe
	the art of growing	a arte de crescer
1	i felt beautiful until the age of twelve	até os doze anos de idade me senti bonita
2	when my body began to ripen like new fruit	foi quando meu corpo amadureceu como fruta
3	and suddenly	e de repente
4	the men looked at my newborn hips with salivating lips	os homens olhavam meu quadril recém-nascido com água

¹¹ Cf. Costa (2018). Disponível em: <https://blogs.opovo.com.br/leiturasdabel/2018/02/21/leia-entrevista-com-ana-guadalupe-tradutora-de-rupi-kaur-no-brasil/>. Acesso em: 04 maio 2024.

¹² Cf. D’Ângelo (2017a). Disponível em: <https://feminismonapratica.wordpress.com/2017/04/27/entrevista-ana-guadalupe-tradutora-de-outros-jeitos-de-usar-a-boca/>. Acesso em: 04 maio 2024.

5	the boys didn't want to play tag at recess	na boca
6	they wanted to touch all the new	os meninos no recreio não queriam mais brincar de pega-
7	and unfamiliar parts of me	pega
8	the parts i didn't know how to wear	queriam passar a mão em todas
9	didn't know how to carry	as minhas partes novas e desconhecidas
10	and tried to bury in my rib cage	as partes que eu não sabia usar
		não sabia carregar
11	boobs	e queria esconder nas costelas
12	they said	
13	and i hated that word	<i>peitos</i>
14	hated that i was embarrassed to say it	eles falavam
15	that even though it was referring to my body	e eu odiava essa palavra
16	it didn't belong to me	odiava ficar sem graça ao dizê-la
17	it belonged to them	porque mesmo que se referisse ao meu corpo
18	and they repeated it like	não me pertencia
19	they were meditating upon it	pertencia a eles
20	boobs	e eles repetiam como se
21	he said	meditassem a respeito
22	let me see yours	<i>peitos</i>
23	there is nothing worth seeing here but guilt and shame	ele disse
24	i try to rot into the earth below my feet	<i>deixa eu ver os seus</i>
25	but i am still standing one foot across	aqui não tem nada para ver além de vergonha e culpa
26	from his hooked fingers	quero apodrecer e me juntar à terra onde piso
27	and when he charges to feast on my half moons	mas continuo de pé a um só passo
28	i bite into his forearm and decide i hate this body	de seus dedos em garra
29	i must have done something terrible to deserve it	e quando ele avança para apalpar as esferas
		mordo seu braço e decido que odeio meu corpo
		devo ter feito alguma coisa horrível para merecê-lo
30	when i go home i tell my mother	
31	the men outside are starving	em casa eu conto para minha mãe
32	she tells me	<i>os homens lá fora estão mortos de fome</i>
33	i must not dress with my breasts hanging	ela me diz
34	said the boys will get hungry if they see fruit	que não devo sair por aí com os seios aparecendo
34	says i should sit with my legs closed	<i>que os meninos quando veem a fruta ficam com vontade</i>
36	like a woman oughta	diz que preciso sentar com a perna fechada
37	or the men will get angry and fight	como toda mulher precisa
38	said i can avoid all this trouble	ou os homens ficam loucos e perdem o controle
39	if i just learn to act like a lady	diz que posso evitar essa dor de cabeça
40	but the problem is	é só aprender a me portar como uma moça
41	that doesn't even make sense	mas o único porém
42	i can't wrap my head around the fact	é que não faz sentido nenhum
43	that i have to convince half the world's population	não consigo conceber a ideia
44	my body is not their bed	de que é preciso convencer metade da população mundial
45	i am busy learning the consequences of womanhood	de que meu corpo não é uma cama
46	when i should be learning science and math instead	me ocupo aprendendo que ser mulher tem consequências
47	i like cartwheels and gymnastics so i can't imagine	enquanto devia aprender matemática e ciência
48	walking around with my thighs pressed together	gosto de acrobacias e ginástica então nem imagino
49	like they're hiding a secret	como vou andar por aí com as coxas grudadas
50	as if the acceptance of my own body parts	como quem esconde um segredo
51	will invite thoughts of lust in their heads	como se a aceitação do meu próprio corpo
52	i will not subject myself to their ideology	atraísse a luxúria de seus pensamentos
53	cause slut shaming is rape culture	não vou me sujeitar a essa ideologia
54	virgin praising is rape culture	porque o <i>slut-shaming</i> é a cultura do estupro
55	i am not a mannequin in the window	o culto à virgindade é a cultura do estupro
56	of your favorite shop	não sou um manequim na vitrine
57	you can't dress me up or	da loja que você é cliente
58	throw me out when i am worn	você não pode me vestir e
59	you are not a cannibal	me jogar fora quando estiver gasta
60	your actions are not my responsibility	você não é um canibal
61	you will control yourself	suas ações não são assunto meu
		você precisa se controlar
62	the next time i go to school	
63	and the boys hoot at my backside	da próxima vez que eu for à escola
64	i push them down	e um menino disser fiiu fiiu pelas minhas costas
65	foot over their necks	eu o derrubo no chão
66	and defiantly say	dou uma chave de perna
67	boobs	e digo em tom de provocação
68	and the look in their eyes is priceless	

		<i>peitos</i> e a expressão nos olhos dele não tem preço
--	--	---

As primeiras linhas do poema (de 1 a 29) temos basicamente o uso da tradução literal em sua maioria. Barbosa (1990) define a tradução literal como a concepção mais prevalente sobre a tradução, conforme estabelecida por diversos estudiosos. Entende-se a tradução literal como aquela em que se preserva uma fidelidade semântica rigorosa, adaptando-se, no entanto, a estrutura gramatical às normas da língua para a qual está sendo traduzido. A tradutora faz poucas adaptações e segue, na maior parte deste trecho do texto, esta estratégia de tradução.

Nas linhas 30 a 34 do poema transposto para a língua portuguesa, podemos ver as seguintes escolhas: “em casa eu conto para minha mãe / os homens lá fora estão mortos de fome / ela me diz / que não devo sair com os seios aparecendo / que os meninos quando veem a fruta ficam com vontade” (Kaur, 2018, p. 95). No texto-fonte, a autora utilizou a expressão *starving*¹³ (faminto) para se referir ao desejo inexplicável e sensação de posse dos homens em relação às mulheres. A escolha do texto traduzido não foi feita em literalidade. A palavra “famintos” traria a mesma ideia do texto-fonte, no entanto, o leitor de língua portuguesa identifica melhor a expressão “mortos de fome”, mais utilizada em seu cotidiano.

Ainda analisando a ideia deste desejo abordado no poema, temos, na linha 37 da tradução, “ou os homens ficam loucos e perdem o controle” (Kaur, 2018, p. 95), enquanto no texto original a autora utilizou *or the men will get angry and fight* (Kaur, 2017, p. 89), que poderia ser traduzido literalmente como “ou os homens irão ficar bravos e brigar” (tradução nossa). A tradução acaba suavizando o conceito que vem sendo construído ao longo do poema e tratando esse comportamento masculino inaceitável como uma “loucura”, algo que eles não possuem domínio sobre. No texto original, esse comportamento é retratado como raiva – não loucura – e os homens agredidos brigam por escolha e não por perder o controle.

Outra observação válida no que se diz respeito às escolhas tradutórias feitas neste poema está na linha 27 do texto traduzido: “quando ele avança para apalpar as esferas” (Kaur, 2018, p. 94), fazendo referência aos seios, enxergamos uma lacuna tradutória. A partir do momento em que o texto-fonte nos traz a seguinte colocação: “*when he charges to feast on my half moons*” (Kaur, 2017, p. 89), temos a palavra *feast*, que pode ser traduzida como festa, celebração e também banquete. Esta última faz sentido quando vemos as diversas referências ao desejo irrefreado masculino como uma fome. Temos a menção da palavra *fruit* (fruta) duas vezes, nas linhas 2 e 34, *salivating lips* (lábios salivando) na linha 4, *cannibal* (canibal) na linha 54, além de *starving*, explanado anteriormente. Uma opção de tradução seria a palavra “banquetear” ou “deliciar”, que se aproximaria mais dessa sequência trazida pela poetisa.

Nesse mesmo trecho, a expressão *half moons*, que poderia ser traduzida literalmente como “meias luas”, é transposta para “esferas”. A Lua representa um símbolo entendido quase universalmente como a representação da feminilidade e fertilidade. Assim, cita Michael Ferber (2007), em seu dicionário de símbolos literários: “Na tradição clássica, no entanto, a Lua é invariavelmente feminina e desde Homero e Hesíodo esta vem sendo associada a deusas gregas e romanas”¹⁴ (p. 130, tradução nossa). É também um símbolo utilizado para exprimir essas temáticas em diversas obras literárias, sendo considerada um sinônimo de transformação e renovação: “as constantes mudanças de fase da lua nos leva à sua associação com a

¹³ Traduzido via Cambridge Dictionary, assim como as demais palavras presentes nesta análise. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/>. Acesso em: 04 jun. 2024.

¹⁴ “In the classical tradition, then, the moon is invariably feminine and since Homer and Hesiod it has been associated with Greek and Roman goddesses”.

mutabilidade, metamorfose, inconstância e variabilidade”¹⁵ (Ferber, 2007, p. 130, tradução nossa), além de polarizar com o masculino, representado pelo Sol. Com a decisão feita pela tradutora de ignorar tal simbologia, perdemos essa correspondência com o feminino, pois a palavra “esferas” nos traz algo de natureza mais genérica.

Ao analisarmos o conceito de “Reescrita” dentro do poema, podemos encontrar uma marca dessa possibilidade tradutória observando novamente a expressão “mortos de fome” (Kaur, 2018, p. 95), presente na linha 31 do poema aqui estudado. No texto original, temos o uso da palavra *starving* (Kaur, 2017, p. 89), que foi traduzida para essa expressão, que possui uma maior relação com o português informal utilizado em toda a tradução da obra. Outro exemplo encontrado é a substituição do verbo *hoot* (assobiar) pela onomatopeia “fiu fiu”, de fácil compreensão para o leitor brasileiro de língua portuguesa. “Fiu fiu” é uma onomatopeia utilizada para representar o som de um assobio. Pode ser usada para expressar admiração ou atração física por alguém, principalmente quando direcionado à aparência da pessoa. Pode ser considerada uma forma de assédio quando utilizada de maneira inadequada. Nesse termo, a tradutora utilizou da equivalência, que

[...] consiste em substituir um segmento de texto da LO por um outro segmento da LT que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente. Este procedimento é normalmente aplicado a clichés, expressões idiomáticas, provérbios, ditos populares e outros elementos cristalizados da língua (Barbosa, 1990, p. 68).

Essa escolha tradutória traz o aspecto de informalidade que permeia todo o texto.

Na linha 53 do poema (Kaur, 2018, p. 95), houve a escolha de não traduzir o termo *slut-shaming*. O autor Lewis Mark Webb (2015, p. 2) descreve esse termo como a exposição pública e a humilhação de indivíduos por seu comportamento sexual que é percebido pelos outros ou real. É uma forma de supressão cultural da sexualidade feminina praticada desde a antiguidade. *Slut-shaming* afeta principalmente as mulheres e tem resultados trágicos, com o foco na virtude sexual permanecendo consistente ao longo do tempo. A natureza não regulamentada da Internet ampliou o alcance e o impacto dessa violência, expondo as mulheres a um maior escrutínio sobre o seu comportamento sexual.

Ao pesquisar uma tradução direta para o termo, nos deparamos com diversas tentativas, como, por exemplo, a expressão “julgamento moral”¹⁶ apresentada por Rocha (2023). A maioria dos resultados de pesquisa não nos traz uma possibilidade de tradução direta do termo, mas uma descrição de seu significado, como, por exemplo, a apresentada por Martins (2023), no Portal CNN Brasil, que explica o *slut-shaming* como “a prática consiste em ridicularizar a maneira da mulher se comportar, se vestir e de demonstrar os seus desejos sexuais na hora da relação – ou até mesmo quando ela ainda nem praticou nenhum ato”¹⁷. Desse modo, entendemos que a escolha de uma possível tradução como “julgamento moral”, “culpabilização sexual” ou “estigmatização da sexualidade” não trariam para o texto uma compreensão total ou a representação completa do seu significado. Sendo assim, a tradutora optou pela Transferência do termo, na forma de Estrangeirismo.

Sobre esse procedimento de tradução, Heloísa Barbosa (2004, p. 71) diz que a transferência consiste em introduzir material textual da língua de origem no texto em língua da tradução. Já o estrangeirismo consiste em transferir (transcrever ou copiar) para o texto em língua traduzida vocábulos ou expressões da língua de origem que se refiram a um conceito,

¹⁵ “The moon's constant phase changes lead us to its association with mutability, metamorphosis, inconstancy and variability”.

¹⁶ Cf. Rocha (2023). Disponível em: <https://elasnopoder.org/blog/violencia-contra-a-mulher-entenda-os-tipos/>. Acesso em: 08 maio 2024.

¹⁷ Cf. Martins (2023). Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/o-que-e-slut-shaming-entenda-violencia-vivida-por-luana-piovani-yasmin-brunet-e-outras/>. Acesso em: 08 maio 2024.

técnica ou objeto mencionado no texto da língua de origem que seja desconhecido para os falantes da língua da tradução (Barbosa, 2004, p. 71). A escolha da transferência e estrangeirismo na tradução preserva a autenticidade e nuances do termo original e, neste caso, entendemos que essa estratégia de tradução foi necessária, pois não há equivalente preciso na língua-alvo.

No entanto, a ausência de uma nota de rodapé com a devida explicação do termo em língua portuguesa ou tradução aproximada deixa uma lacuna na compreensão do termo utilizado, o que pode atrapalhar o entendimento do leitor. A presença de um estrangeirismo em determinado texto pode levar o leitor a ignorar a palavra ou expressão em si e buscar uma compreensão através do contexto geral ou pesquisar a tradução em uma fonte externa ao texto apresentado. Ambas as possibilidades afetam o impacto almejado na leitura de um poema, pois há nesses atos uma quebra da fluidez desejada no contato com esse tipo de produção literária.

Em suma, a análise deste poema nos revela a complexidade das relações humanas, das relações entre gênero e cultura, como também a habilidade de Rupi Kaur em recriar imagens vívidas que possibilitam a identificação do leitor. Examinando os elementos textuais e a construção do texto - que corre pela página como um desabafo -, podemos observar a questão central do poema: a violência de gênero. Além disso, ao imergir nas entrelinhas e nas camadas de significado, entendemos que, para além do tom de denúncia, também há uma força de desafio e enfrentamento. Em nossa análise, entendemos que a tradução também foi capaz de transpor a mensagem proposta pelo texto de origem e, mesmo com algumas escolhas passíveis de revisão, a tradutora obteve um resultado satisfatório, tendo em vista a dificuldade de se traduzir textos poéticos já abordada neste trabalho.

Este poema nos convida a refletir sobre violência de gênero, cultura do estupro, feminismo, liberdade sexual e tantas outras temáticas importantes para as discussões da atualidade. Assim, compreendemos que este poema se apresenta não somente como uma obra de arte literária, mas também como um espelho capaz de refletir um recorte da nossa sociedade que precisa ser visto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise realizada sobre a obra da autora Rupi Kaur e a influência das redes sociais em sua carreira artística, torna-se evidente o impacto significativo que as plataformas digitais exercem no cenário cultural contemporâneo. A presença ativa de Kaur nas redes sociais, especialmente no Instagram, não apenas ampliou sua visibilidade e alcance de público, mas também redefiniu a forma como os autores interagem com seu público e promovem suas obras.

Através de temas profundos e universais abordados em seus poemas, como feminilidade, amor, trauma e cura, Rupi Kaur conquistou uma base de fãs dedicada e engajada, que se identifica com suas mensagens. Sua habilidade de se conectar com os leitores, aliada à estética de seus poemas compartilhados nas redes sociais, contribuíram para sua ascensão como uma das autoras de poesia contemporânea mais lidas da atualidade¹⁸.

As escolhas tradutórias feitas por Ana Guadalupe, como a abordagem de expressões idiomáticas e a busca por equivalentes que transmitam a mesma carga emocional e simbólica dos termos originais, destacam a importância da criatividade e da reescrita na tradução de poesia. A capacidade da tradutora de captar a essência dos poemas de Kaur e recriá-los em uma nova língua evidencia não apenas sua competência técnica, mas também sua sensibilidade artística e sua dedicação em transmitir a mensagem da autora de forma autêntica e impactante. Ainda assim, vemos que, assim como toda tradução, algumas escolhas poderiam ter seguido

¹⁸ Cf. D'Ângelo (2017b). Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/rupi-kaur-faz-do-trauma-a-materia-prima-para-sua-poesia/>. Acesso em: 30 maio 2024.

outros caminhos os quais contribuiriam para uma melhor relação da obra com o leitor do português-brasileiro e maior conexão entre o texto-fonte e o texto na língua da tradução.

A despeito disso, a tradução de Ana Guadalupe desta obra de Rupi Kaur não apenas expande o alcance e a acessibilidade das poesias da autora para os leitores de língua portuguesa, mas também enriquece o universo poético ao cultivar novas formas de expressão e interpretação. A tradução, como ato de reescrita e de diálogo intercultural, exerce um papel imprescindível na propagação da arte e na elevação da diversidade linguística e cultural, colaborando para a ampliação do fazer literário e para a conexão entre os mais diversos públicos e tradições.

REFERÊNCIAS

ANDERSSSEN, Sophia de Mello Breyner. **Coral e outros poemas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ANDRADE, Flávio Cavalcante de. A transparência impossível: lírica e hermetismo na poesia brasileira atual. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008. 331 f. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7213/1/arquivo3545_1.pdf. Acesso em: 10 mar. 2024.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de Tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 2003.

AUBERT, Francis Henrik. **As (in) fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. **Procedimentos Técnicos da Tradução: uma nova proposta**. Campinas, SP: Editora Pontes, 1990.

BOZINOSKI, Mónica. Rupi Kaur: When we connect we feel less alone. **Vogue Portugal**, out. 2019. Disponível em: <https://www.vogue.pt/rupi-kaur-interview>. Acesso em: 05 maio 2024.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem e outras metas**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. p. 31-48.

CARVALHAL, Tânia. A tradução literária. **Organon**, Porto Alegre, v. 7, n. 20, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/39381>. Acesso em: 5 maio 2024.

CATFORD, John. Cunnison. **Uma teoria linguística da tradução**. Brasília: Editora UnB, 1980.

COSTA, Isabel. Entrevista com Ana Guadalupe, tradutora de Rupi Kaur no Brasil. **O Povo**, fe. 2018. Disponível em: <https://blogs.opovo.com.br/leiturasdabel/2018/02/21/leia-entrevista-com-ana-guadalupe-tradutora-de-rupi-kaur-no-brasil/>. Acesso em: 04 maio 2024.

D'ÂNGELO, Helô. Entrevista: Ana Guadalupe, tradutora de “Outros Jeitos de Usar a Boca”. In: **Eu, tu, elas**. abr./2017a. Disponível em:

<https://feminismonapratica.wordpress.com/2017/04/27/entrevista-ana-guadalupe-tradutora-de-outros-jeitos-de-usar-a-boca/>. Acesso em: 04 maio 2024.

D'ÂNGELO, Helô. Rupi Kaur faz do trauma a matéria-prima para sua poesia. **Revista CULT**, [s.l.], abr. 2017b. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/rupi-kaur-faz-do-trauma-a-materia-prima-para-sua-poesia/>. Acesso em: 30 maio 2024.

DANTZIG, Charles. **Dictionnaire égoïste de la littérature française**. Paris: Librairie Générale Française, 2008.

DARIN, Leila Cristina de Melo. A tradução cultural como metáfora. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. XLIII, p. 47-66, 2020. ISSN 2237-759X. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/intercambio/article/download/42785/31889>. Acesso em: 10 mar. 2024.

FALEIROS, Álvaro. Tradução & poesia. In: AMORIM, L. M.; RODRIGUES, C.C.; STUPIELLO, E. N. de A. (Orgs.). **Tradução & perspectivas teóricas e práticas**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP digital, 2015, p. 263-275. [Recurso eletrônico]. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/6vkk8/pdf/amorim-9788568334614.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

FERBER, Michael. **A Dictionary of Literary Symbols**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e educação**. Revista Brasileira de Educação, v. 11, n. 31, p. 395-410, maio/ago. 2006.

FRANCHETTI, Paulo. Poesia Contemporânea e Crítica de Poesia. **Revista Semestral do Programa de Pós-Graduação em Letras – UFES**, v. 1, p. 94-112, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/8246/5863>. Acesso em: 27 abr. 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

G1. Pesquisa aponta Índia como país mais perigoso do mundo para as mulheres. **G1**, jun. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/pesquisa-aponta-india-como-pais-mais-perigoso-do-mundo-para-as-mulheres.ghtml>. Acesso em: 05 maio 2024.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 62-72.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KAUR, Rupi. **O que o sol faz com as flores**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

MAILLOT, Jean. **A tradução científica e técnica**. São Paulo: Editora MacGraw Hill do Brasil, 1975.

MARTINS, Flávia. O que é 'slut-shaming': Entenda violência vivida por Luana Piovani, Yasmin Brunet e outras. CNN Brasil. Jan. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/o-que-e-slut-shaming-entenda-violencia-vivida-por-luana-piovani-yasmin-brunet-e-outras/>. Acesso em: 08 maio 2024.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária: Poesia**. São Paulo: Cultrix, 1965.

QUEIROZ, Sônia. **Glossário de termos de edição e tradução**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

ROCHA, Bruna. Violência Contra a Mulher: Entenda os Tipos. **Elas no poder**. mar. 2023. Disponível em: <https://elasnopoder.org/blog/violencia-contr-a-mulher-entenda-os-tipos/>. Acesso em: 08 maio 2024.

WEBB, Lewis Mark. Shame transfigured: Slut-shaming from Rome to cyberspace. **First Monday**, v. 20, n. 4, april 2015. <https://doi.org/10.5210/fm.v20i4.5464> .

ZIPSER, Meta Elisabeth; POLCHLOPEK, Silvana Ayub. **Introdução aos estudos da tradução**. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2008.